

DIÁLOGOS ENTRE LEMBRAR E ESQUECER - A PERFORMANCE DA MEMÓRIA DE UM PROFESSOR DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; LETÍCIA FONSECA RICHTOFEN DE FREITAS ²

¹Universidade Federal de Pelotas PIBIC/CNPq – mauricio.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticia.freitas@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Na modernidade recente, defrontamo-nos com as pluralidades e as múltiplas facetas da sociedade atual. Encontramo-nos diante de transgressões de conhecimento e de negociações de significados emergentes. Nas instabilidades e nas crises cotidianas, a memória representa a ligação que garante que um passado – mesmo que reinventado – renove-se através das buscas memoriais, em uma tentativa de sustentação e até de homogeneização de identidades, uma vez que memória e identidade são indissolúvelmente interligadas, nutrindo-se uma da outra (CANDAU, 2014). Vivemos em um momento em que das lutas sociais ouvem-se gritos frequentes daqueles que reivindicam um lugar que lhes é próprio. Estes episódios recorrentes na atualidade acontecem em consequência de um passado marcado por vozes que foram silenciadas, por pensamentos e por questionamentos apagados, por pessoas deixadas de fora de direitos comuns à vida (MOITA LOPES, 2006). Portanto, transgressão, aqui, significa romper com regras conservadoras e transpassar os limites políticos e epistemológicos tradicionais petrificados pelo poder (PENNYCOOK, 2006). Nesse sentido, o presente estudo transdisciplinar estabelece-se nas fronteiras dos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar e de Memória e Identidade Social. Dessa forma, analisa-se a performance da memória na narrativa de um professor que atuou no período da ditadura no Brasil como ministrante na disciplina de Educação Moral e Cívica. Tendo ele sido preso perante os alunos e sofrido tortura psicológica em um interrogatório, em seu testemunho surgem diálogos entre o ato de rememorar e o de esquecer, sendo os dois de grande relevância para a constituição de sua memória e para as representações marcadas em seu depoimento.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa¹ de teorização da modernidade recente, sob a visão indisciplinar da linguística aplicada adotada, problematizar a vida social em seu contexto sociocultural é fundamental para a produção de conhecimentos e para compreensão do sujeito. Por isso, o presente estudo não parte de uma metodologia de análise pré-estabelecida: assim sendo, tendo um caráter qualitativo, este estudo parte de uma narrativa coletada e gravada de um professor que atuou parte de sua carreira durante a ditadura militar no Brasil e que ainda exerce a profissão, no sentido de analisar que significados emergem dessa narrativa. O evento narrado refere-se aos acontecimentos vividos por ele em 1976, na cidade de Porto Alegre (RS), e o evento narrativo ocorreu no primeiro semestre de 2015, na cidade de Pelotas (RS), quando da coleta da narrativa. O sujeito em questão assinou um

¹ Este trabalho está vinculado ao Projeto de Pesquisas Linguagem, Narrativas e Identidades no Contexto de Formação e Atuação de Professores de Línguas.

Termo de Consentimento Informado, permitindo ao pesquisador o uso de seu depoimento para fins de pesquisa científica. Esse documento também garante o anonimato do entrevistado, bem como qualquer característica que o identifique ou revele seu local de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Linguística Aplicada Indisciplinar abordada neste estudo considera a linguagem como constituinte e constituidora de memórias e de posicionamentos identitários, os quais são construídos pelas práticas discursivas. A partir dessa concepção constituidora da linguagem advinda do pressuposto teórico da Virada Linguística, os sujeitos não são vistos como homogêneos, pois não há um modelo pré-estabelecido que enquadra os indivíduos. A LA em perspectiva indisciplinar é interrogadora e (des)construtora de conhecimentos implicados com a exclusão social (FABRÍCIO, 2006). Portanto, entende-se que todas as construções identitárias partem do poder que permeia todo um sistema de significados em que estamos contextualmente inseridos. Então, enfatizo a importância da face interrogadora dessa indisciplina transgressiva.

A escola idealizada na ditadura militar é uma grande marca da imposição do regime da época e, ainda hoje, observamos seus reflexos. Envolvida e estabelecida por um sistema autoritário que produzia verdades irrefutáveis, produto de um período injusto da modernidade, a escola, durante o regime autoritarista, era alvo de espionagem constante. A prática docente era acompanhada pelo medo, pois aquele que não se enquadrasse, transgredindo o sistema vigente, sofria consequências e poderia até mesmo *desaparecer*.

Faz-se importante ressaltar que, aqui, performance da memória refere-se à forma pela qual ela reconstitui-se no processo de rememoração na narrativa. A memória humana é abstrata e mutável, principalmente no que diz respeito aos significados que se alteram com as experiências vividas. No que diz respeito ao campo do memorável, acontecimentos fortes tendem a gerar recordações fortes, entretanto, fatos podem banalizar-se num todo-acontecimento, gerando, assim, memórias fracas, podendo resultar em esquecimentos (CANDAU, 2014). Acerca disso, acrescenta-se que, em momento de tortura física e/ou psicológica, parte dos acontecimentos traumáticos tendem também a banalizar-se desde o momento da vivência, como uma consequência disso ou uma resposta a isso. Nestes casos, diferente de quadros de amnésia, o esquecimento manifestar-se-ia por uma espécie de preenchimento das lacunas deixadas pela proteção natural da memória, um sinal do sucesso da estabilidade produzida por ela (Idem). Portanto, argumenta-se que o esquecimento também é constituído pela linguagem. Este espaço renova-se no processo complexo da rememoração, da mesma forma como que uma lembrança conectada a outras. Em vista disso, este esquecimento possui características cognitivas, sendo ainda um ponto de consciência e de identidade.

O excerto a seguir é parte do depoimento de um professor preso em frente aos alunos, em uma escola particular de ensino médio no ano de 1976. Ele contestava as ideias do livro de educação moral e cívica, utilizando e comparando notícias e algumas leis com a legislação dos direitos humanos. Em um momento, enquanto aplicava prova, o DOP (Departamento de Operações Policiais) cercou a

escola e: “Não deu vinte minutos cercaram o colégio... o DOP cercou o colégio... entraram quatro caras de metralhadora na sala de aula... Me algemaram e me levaram... Aí eu passei a noite sendo interrogado... Uma das coisas que me impressiona é que eu só lembro parte do que aconteceu aquela noite e eu já falei com mais colegas que foram interrogados... Ninguém lembra da noite toda... Do período todo... Mas eu lembro até um certo ponto... lembro bem o que me salvou... Eu sentado... Três em semicírculo... Um holofote na minha cara... E quando um dos três fazia uma pergunta... Qualquer reação que eu tivesse um dos outros observadores ficava perguntando... Mas vem cá tu não gostou da pergunta? Por que que não gostou? O que que tem? Conta pra nós... Aquilo começa a dar um terror... Dali a pouco um deles fez uma pergunta que... se ele não tivesse feito a pergunta eu taria perdido... Aí consegui não apanhar... Agora passei medo... Passei muito medo... E hoje em dia ainda esses loucos saindo pra rua pedindo... a volta dos militares ainda me dá nos nervos... Quando eu cheguei de manhã o diretor do colégio ele estava de me aguardando e a primeira coisa que ele me falou... que vergonha para o nosso colégio... Faço questão e peço agora que tu me prometas que ninguém vai ficar sabendo do que aconteceu essa noite... Daí eu levei oh... Pra comentar a primeira vez isso com alguém... Eu não abri a boca porque quando eu saí do interrogatório os caras com toda a calma me alertaram... Isso fica entre nós... Tu sabe que a gente te conhece... Sabe onde tu mora... onde tu trabalha... Então fica entre nós e ninguém fica sabendo de nada... Olha com uma ameaça dessas... mesmo com tranquilidade... ____² ...eu me calei... Depois de um certo tempo eu não consigo me recordar de nada”.

Acerca da tortura sofrida no interrogatório, primeiramente aponta-se para a banalidade da forma: a tranquilidade dos militares é a característica central para esta afirmação, ou seja, a tortura como uma prática comum de suas funções. Nesse sentido, evidencia-se ainda que a reação a essa tortura segue sendo respondida pelo sujeito após o interrogatório, frente ao diretor que o aguardava, quando ele voltou à escola, conforme fica claro pelos excertos: “Aquilo começa a dar um terror... Eu não abri a boca porque... Eu saí ... Os caras com toda a calma me alertaram... Isso fica entre nós”, “Passei muito medo”, “Que vergonha para o nosso colégio... Faço questão e peço agora que tu me prometas que ninguém vai ficar sabendo do que aconteceu essa noite” e “... Eu me calei”. Acrescenta-se ainda que essas memórias renovam-se na vida do sujeito causando-lhe um sentimento de apreensão, ressaltando o caráter de que as lembranças, quando relembradas, são renovadas e revividas - isso é expresso no trecho “hoje em dia ainda esses loucos saindo pra rua pedindo a volta dos militares ainda me dá nos nervos”.

Neste caso, aponta-se que houve ocorrência da banalização de parte das lembranças no momento do fato vivido. A tortura psicológica continua se inicia sendo imposta pelos militares, continua com o diretor da escola e, posteriormente, renova-se através do silêncio durante muitos anos. Nesse sentido, parte dos acontecimentos dissolveram-se, originando um esquecimento. Entretanto, o esquecimento identificado não é um vazio, mas um espaço de preenchimento, mostrando-se necessário para a continuidade produtiva e performativa da memória, além de acalento para a vida do indivíduo. No entanto, esse esquecimento constitui-se como parte integrante da organização cognitiva na performance da memória na

² Momento de emoção marcado pelo travessão na transcrição.

narrativa analisada, evidenciando-se assim novamente como um espaço não vazio, por ser também de caráter cognitivo. Assim, ele é sempre alcançável pelo sujeito, distinguindo-se como a coerência performativa e representativa indispensável à memória, um diálogo evidente entre o que é recordável e o que não é. Comportando-se como uma recordação, o esquecimento investigado ainda possui um caráter representativo: para o sujeito, significa algo que o *impressiona*, pois é mais forte que seu poder de recordar.

4. CONCLUSÕES

Ressalto o caráter cognitivo do esquecimento, evidenciado a partir da análise realizada, bem como seu comportamento singular no processo de rememoração, no qual age como uma lembrança, sendo ainda um espaço com característica representativa, logo, de identidades. Destaco também, acerca da memória, que, em reação à tortura, esta renovou-se tão constantemente a ponto de as lembranças banalizarem-se rapidamente. Nesse sentido, a respeito de seu processo evocativo, a memória reconstitui seus significados, entrando em contato com o momento presente, trazendo ao indivíduo os sentimentos renovados do momento rememorado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2014.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo – Parábola Editorial, 2006. p.85-107

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.67-84.